

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP, 8, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP, 13, 14.

Summario: Carta circular sobre a prégação. — Secção scientifica: *O Diabo e as suas obras*, pelo Dr. D. Salvador Casañas y Pagés. — Secção critica: *Voltarão os frades?* por Um catholico. — Secção historica: *Galeria dos homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — Secção litteraria: *Paixão dos interesses materiaes considerado como obstaculo ao desenvolvimento da Fé*, por J. A. Marques Junior. — Secção bibliographica. — Secção illustrada. — Retrospecto: *O dia 8 de setembro em Guimarães*, por R.; *A festa do Sagrado Coração de Jesus em S. Vicente da Beira*, por Um assignante.

Gravuras: *Luiz XVI*. — *Maria Antonietta*.

Carta circular sobre a prégação

Da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, e dirigida aos Ordinarios da Italia e aos superiores de Ordens e Congregações religiosas, por ordem de Sua Santidade Leão XIII.

Sua Santidade o Papa Leão XIII, que tem muito a peito o ministerio apostolico da prégação por ser necessario, principalmente nas condições em que vivemos, à boa educação do povo christão, soube, não sem grande dôr, que na maneira de annunciar a divina palavra se tem introduzido, ha muito tempo, abusos que fazem que a prégação de hoje seja frequentes vezes desprezada ou pelo menos esteril e infructifera. Attendendo a este estado de coisas e seguindo n'isto o exemplo de seus predecessores¹, Sua Santidade acaba de ordenar á Congregação dos Bispos e dos Regulares que escreva a todos os Bispos de Italia e aos superiores geraes de Ordens religiosas chamando particularmente a sua vigilancia e excitando o seu zelo para a necessidade de pôr termo, cada um segundo as suas forças, a estes abusos e extirpal-os radicalmente. Obedecendo ás augustas prescripções do Sancto Padre, a Congregação dos Bispos e dos Regulares envia aos rev.^{mos} Ordinarios e chefes de Ordens regulares e dos ins-

titutos ecclesiasticos as seguintes regras, para que empreguem todo o seu zelo em fazel-as observar o mais depressa possible.

1.º Em primeiro lugar, pelo que toca ás qualidades que se devem exigir n'um sancto prégador, devem ter cuidado em nunca confiar ministerio tão

penetrado d'um grande amor de N. S. Jesus Christo, amor sem o qual um prégador não será nunca senão *vox sonans et cymbalum tinniens*¹; sem este amor, não poderá ter essa paixão da gloria de Deus e da salvação das almas, que deve de ser o unico mobil, o unico fim da prégação do Evangelho. E essa

piedade christã, tão necessaria aos pré-gadores da palavra sagrada, deve resplandecer tambem no seu proceder exterior, não devendo nunca essa piedade achar-se em contradicção com os seus ensinios, mas ser sempre tal que ella os faça reconhecer como *ministros Christi et dépensatores mysteriorum Dei*²; senão, como nota o angelico doutor Sancto Thomaz: *si doctrina est bona e prædicator malus, ipse est occasio blasphemie doctrinæ Dei*³. Ao mesmo tempo que a piedade e a virtude christã, deve brilhar n'elles a sciencia, porque é evidente e a experiencia não cessa de o provar, que se não pôde esperar uma prégação verdadeiramente util, bem ordenada e fructifera d'aquelles que não hajam desenvolvido e fructificado a intelligencia com bons estudos, principalmente das coisas sagradas, e que, confiando n'uma certa loquela natural, têm a temeridade de subir ao pulpitto com pouca ou nenhuma preparação. Estes nada



LUIZ XVI

sagrado a quem não abunde em verdadeira piedade christã e não esteja com Bispos e Regulares, deram, segundo as necessidades da época, sabias prescripções a respeito da prégação.

mais fazem que dar cutiladas no ar, tornar-se alvo da irrisão, sem se aper-

¹ Entre outros Clemente x, Innocencio xi, Innocencio xii, Bento xiii, quer por actos pontificios, quer por intermedio da Congregação do Concilio ou da Congregação dos

¹ Cor., xiii, 1.

² 1 Cor., iv, 1.

³ Comment. in Math., v.

ceberem d'isso, e desprezar a palavra de Deus, pois é tambem a elles particularmente que estas palavras se applicam: *Quia tu scientiam ropulisti, ego ropellam te ne sacerdotio fungaris mihi* ¹.

2.º Não deve ser antes que um Padre haja dado provas de todas estas qualidades, mas sómente depois que os rev.^{mos} Bispos e chefes de Ordens religiosas poderão confiar-lhe o grande ministerio da palavra divina; attentos a que o prégador se adstrinja ás materias que são do dominio proprio da prégacao. Estas materias estão indicadas pelo Divino Redemptor, quando disse: *Prædicare Evangelium...* ² *Docentes eos servare omnia quæcumque mandavi vobis* ³; inspirando-se n'estas palavras, o doutor angelico exprime-se assim: *Predicadores debent illuminare in credendis, dirigere in operandis, vitanda manifestare, et modo comminunno, modo exhortando, hominibus prædicare* ⁴. E o Sancto Concilio de Trento: *Anunciantes eis vitia quæ eos declinare et virtutes quas sectari oportet ut poenam æternam evadere et cælestem gloriam consequi valeant* ⁵. Este pensamento foi posto em evidencia mais abundantemente ainda pelo Soberano Pontifice Pio IX, de sancta memoria, que falou n'estes termos: « Non semetipsos, sed Christum crucifixum prædicantes, sanctissima religionis nostræ Dogmata et præcepta, iuxta catholicæ Ecclesiæ et Patrum doctrinam, gravi ac splendido orationis genere, populo clare aperteque annuncient; peculiaris singulorum officia accurate explicant, omnesque a flagitiis deterreant, ad pietatem inflamment, quo fideles, Dei verbo salubriter refecti, vitia omnia declinent, virtutes sectentur, atque ita æternas poenas evadere et cælestem gloriam consequi valeant » ⁶.

D'estas diversas passagens evidencia-se que o Symbolo e o Decalogo, os preceitos da Egreja e os sacramentos, as virtudes e os vicios, os deveres particulares a cada classe da sociedade, os novissimos do homem e outras grandes verdades eternas d'esta ordem, devem constituir a materia ordinaria da prégacao.

3.º Estes importantes assumptos são hoje indignamente postos de parte por muitos prégadores: *quærentes quæ sua sunt, non quæ Iesu Christi* ⁷; sabendo que não são estes os assumptos mais proprios para lhes attrahir o renome que ambicionam, põem-nos inteiramente de lado, sobretudo durante a quares-

ma e nas outras occasiões solennes. Transformando os nomes ao mesmo tempo que as coisas, aos antigos *sermões* substituiram um genero mal definido de *conferencias*, feitas para delectar o espirito e a imaginação sem excitar nada a vontade nem reformar os costumes. E não reflectem que os sermões aproveitam a todos, e as conferencias, d'ordinario, a poucas pessoas, e que mesmo estas pessoas, se se occupassem d'ellas sob o ponto de vista moral, se as ajudassem a praticar a humildade, a castidade, a submissão á auctoridade da Egreja, teriam, só por isso, purificado o espirito de mil preconceitos contrarios á fé e estariam melhor dispostas a receber a luz da verdade.

Os erros religiosos, mórmente entre os povos catholicos, têm geralmente raizes mais nas paixões do coração do que nas aberrações do espirito, segundo esta palavra do Evangelho: *De corde exeunt cogitationes malæ...* *blasphemias* ¹. E Sancto Agostinho sobre estas palavras do Psalmista: *Dixit insipiens in corde suo, non est Deus* ², faz esta sabia consideração: *in corde suo non in mente sua*.

4.º Com isto não se quer condemnar d'uma maneira absoluta o uso das conferencias, que, ao contrario, sendo bem feitas, podem tambem ser muito uteis e até necessarias, entre tantos erros espalhados por toda a parte contra a religião. O que se quer é banir absolutamente do pulpito sagrado essas pomposas orações que tratam de assumptos mais especulativos que praticos, mais profanos que religiosos, que occupariam melhor logar na arena da imprensa ou nas reuniões academicas, mas que certamente não convêm ao logar sancto. Quanto a essas conferencias que têm por fim defender a religião contra os ataques dos seus inimigos, são, de tempos a tempos, necessarias, mas são cargas que não convêm a todos os hombros, mas sómente aos mais robustos. E mesmo os melhores oradores devem usar, n'estas occasiões, de grande discreção; essas conferencias não devem realisarse senão em logares apropriados e deante de auditorios que tenham verdadeira necessidade d'ellas e quando se possa esperar bello resultado. É evidente que os juizes competentes d'estas circumstancias são os Ordinarios das dioceses. N'estas conferencias a demonstração deve ter a sua base profunda antes na doutrina sagrada do que nos argumentos profanos e naturaes; devem ser feitas com uma solidez e uma clareza laes que o auditorio não corra o perigo de levar erros mais fortemente impressos no espirito do que as verdades oppostas,

e que as objecções não produzam mais effeito do que as respostas.

É necessario sobretudo vigiar que o uso muito frequente das conferencias não faça cair em descredito e em desuso as prégacoes moraes, como se estas fossem apenas de segunda ordem e de menor importancia que as discussões, deixando-as aos prégadores e aos auditorios ordinarios. A prégacao moral, ao contrario, é mais necessaria á universalidade dos fleis, e não é de ordem inferior á conferencia, e por isso é que os melhores oradores e os de mais nomeada deveriam ao menos de tempos a tempos, deante mesmo dos auditorios mais selectos, prégarem, com todo o zelo, este genero de sermões. Sem isso, esses grandes auditorios serão condemnados a ouvir sempre falar de erros que muitas vezes são perfilhados apenas por alguns, e nunca dos vicios e dos peccados que se encontram mais facilmente ali do que em auditorios menos apreciados.

5.º Se se notam muitos abusos na escolha dos assumptos, outros não menos graves se introduziram na maneira de os tratar. A este respeito, Sancto Thomaz d'Aquino ensina admiravelmente que, para se ser verdadeira *lux mundi*, *tria debet habere prædicator verbi divini: primum est habitus, ut non deviet a veritate; secundum est claritas, ut non doceat cum obscuritate; tertium est utilitas, ut quærat Dei laudem et non suam* ¹.

Infelizmente, a forma de muitos sermões de hoje está não sómente longe de ter essa clareza e essa simplicidade evangelica que devia ser o seu caracter, mas é obscurecida por uma dicção estranha, perde-se em considerações abstractas superiores á capacidade ordinaria do povo, e faz assomar aos labios esta queixa: *parvuli petierunt panem et non erunt qui frangeret eis* ².

O peor é que muitas vezes falta n'elles esse cunho sagrado, esse sopro de piedade christã e essa unção do Espírito Sancto que permittiria ao prégador dizer de si mesmo: *Sermo meus et prædicatio mea, non in persuasibilibus humanæ sapientiæ verbis sed in ostensione spiritus et veritatis* ³. Aquelles, ao contrario, fundam-se quasi exclusivamente *in persuasibilibus sapientiæ verbis*, preocupam-se pouco ou nada com a *palavra de Deus*, da Sagrada Escripura, que deve ser a primeira fonte da eloquencia sagrada, como proclamava ultimamente o Soberano Pontifice, felizmente reinante, em termos solennes, que achamos util lembrar: *«Hæc propria et singularis*

¹ Os. IV, 6.

² Marc., XVI, 15.

³ Math., XXIII, 20.

⁴ Log. cit.

⁵ Sess. V, c. 2 de Reform.

⁶ Carl. Enc., 9 de nov. de 1846.

⁷ I Cor., XIII, 5.

¹ Math., XV, 19.

² Ps. XIII, 1.

¹ Log. cit.

² Then., IV, 4.

³ Cor. II, 4.

Scripturarum virtus, a divino afflatu Spiritus Sancti profecta, ea est quæ oratori sacro auctoritatem addit, apostolicam præbet dicendi libertatem, nervosam victricemque tribuit eloquentiam. Quisquis enim divini verbi spiritum et robur eloquendo refert, ille non loquitur in sermone tantum, sed et in virtute, et Spiritu Sancto et in plenitudine multa¹. Quamobrem ii dicendi sunt prepostere improvideque facere, qui ita conciones de religione habent, et præcepta divina enunciant, nihil ut fere afferant nisi humanæ scientiæ et prudentiæ verba, suis magis argumentis quam divini innixi. Istorum scilicet orationem quantum vis nitentem luminibus, langues cere et frigere necesse est utpote quæ igne careat sermonis Dei, eandemque longe abesse ab illa qua divinus sermo pollet virtute: *Fivus est enim sermo Dei et efficax, et penetrabilior omni gladio ancipiti, et pertinens usque divisionem animæ et spiritus*². Quamquam hoc etiam prudentioribus assentiendum est, inesse, in sacris Litteris mire variam et uberem magnisque dignam rebus eloquentiam: id quod Augustinus pervidit diserteque arguit³, atque res ipsa confirmat præstantissimorum in oratoribus sacris, qui nomen suum assidue Bibliorum consuetudini piceque meditationi se præcipue debere, grati Deo, affirmarunt⁴.

Eis a fonte da eloquencia sagrada, a Biblia. Mas esses prégadores modernizados, em vez de haurirem a sua eloquencia na fonte de agua viva, voltam-se, por um abuso que se não pôde soffrer, para as seccas cisternas da subdordia humana; em vez de se soccorrem dos textos divinamente inspirados ou dos dos Sanctos Padres e dos Concilios, citam abundantemente textos de auctores profanos, modernos e até ainda vivos, auctores e textos que se prestam muitas vezes a interpretações muito equivocadas e muito perigosas. «É também um grande abuso dos prégadores tratarem de assumptos religiosos unicamente sob o ponto de vista dos interesses mundanos, sem falar da vida futura; enumerarem os beneficios que a sociedade deve à religião christã e não falarem dos deveres que esta religião préga; representarem o divino Redemptor como sendo todo caridade e calarem-se sobre a sua justiça. D'ahi o pouco fructo d'esse genero de prégação, da qual um homem do mundo sae persuadido de que lhe basta, sem mudar de vida, dizer: — creio em Jesus Christo, — para ser um bom chris-

tão¹. Mas que importa o fructo a estes prégadores? Não é isto o que elles procuram em primeiro lugar, porém encautar os ouvintes *prurientes auribus* e comtanto que as egrejas estejam² cheias, pouco se preoccupam que as almas siquem vasia. E por isso não falam nunca do peccado, nem dos novissimos do homem, nem d'outras verdades d'uma importancia capital que poderiam causar uma salutar tristeza; falam só *verba placentia*³. Fazem-no com uma eloquencia mais de tribunos do que de apóstolos, mais profana do que sagrada, capaz de lhe attrahir essas palmas e applausos já condemnados por S. Jeronymo: *Docente in Ecclesia te, non clamor populi, sed gemitus suscitetur: auditorum lacrymarum laudes tuæ sint*⁴. Assim, a sua prégação parece como rodeada, no interior como no exterior da egreja, d'uma certa atmospheria theatral que lhe tira todo o cunho religioso e toda a efficacia sobrenatural.

D'ahi, no povo, e — é necessario também dizê-lo, — d'uma parte do clero, a depravação do gosto da palavra de Deus, o escandalo de todas as pessoas de bem e o proveito insignificante ou nullo que tiram das prégações os christãos transviados e os incredulos. Estes, com effeito, podem correr em massa a ouvir esses *verba placencia* sobretudo quando são attrahidos pelas palavras sonoras de *progresso*, de *patria*, de *sciencia moderna*, podem applaudir e acclamar o orador que *conhece a verdadeira maneira de prégar*, mas nem por isso deixam de sair da egreja taes como entraram: *mirabantur sed non convertebantur*⁵.

7.º Querendo a Congregação, em conformidade com as augustas ordens de Sua Santidade, dar remedio a tão numerosos e tão graves abusos, pede a todos os Rev.^{mos} Bispos e superiores geraes d'Ordens religiosas e de piedosos institutos ecclesiasticos que se oppoñham a isto com toda a firmeza e procurem extirpar esses abusos com todas as suas forças. Recordando-se que, segundo as prescripções do Concilio de Trento: *viros idoneos ad hujusmodi prædicationis officium assumore tenentur*⁶, desenvolvam n'esta circumstaucia todos os recursos da sua sabedoria e da sua actividade. Se se trata de padres da sua diocese, ponham toda a firmeza em não lhes confiar um ministerio tão augusto antes de os terem submettido a prova, quer por exames, quer

por outro qualquer modo que julguem opportuno: *nisi prius de vita et scientia et moribus probati fuerint*¹. Se se trata de padres de diocese estranha, não os auctorisem a prégar, mórmente em occasiões solemnes, antes de haverem recebido cartas assignadas pelo seu Bispo ou pelo seu superior, que dê um excellente testemunho dos seus costumes ou da sua aptidão para annunciar a palavra divina. Não permittam os superiores de religiosos de qualquer ordem, sociedade ou congregação que seja, que nenhum dos seus subditos prégue, e ainda menos o recomendem por cartas testemunhaes antes de se certificarem bem da excellencia, do proceder e também da sua maneira de annunciar a palavra de Deus. Se os Ordinarios, depois de terem recebido algum prégador com excellentes recommendações, reconhecerem que elle se afasta, no exercicio das suas funcções, das prescripções e das regras d'esta presente carta, chamal-o-hão logo ao seu dever, e, se isso não bastar, saccar-lhe-hão radicalmente a licença de prégar, usando até de penas canonicas, se a gravidade do caso o exigir. A Sagrada Congregação sabe que pôde confiar com toda a segurança na diligencia e zelo dos Rev.^{mos} Ordinarios e chefes de Ordens; e tem a confiança de que, graças a elles, se corrigirá em breve tempo esse modo modernissimo de annunciar ou antes de desnaturar a palavra de Deus. Desembaraçada para sempre d'essas seducções mundanas, a prégação readquirirá a sua primitiva magestade e com ella a sua soberana efficacia para gloria de Deus, salvação das almas e bem geral da Egreja e da sociedade.

Roma, da Secretaria da Sagrada Congregação dos Bispos e dos Regulares, 31 de julho de 1894.

ISIDORO, Cardeal VENGA, Prefeito.
LUIZ TROMBETTA, Pro-Secretario.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O Diabo e as suas obras

(Continuado do n.º 16)

X

AINDA que o simples bom senso de per si resolva categoricamente que ha muito de innatural nos phenomenos do mesmerismo, somnambulismo, hypnotismo e spiritismo, indosse, portanto, á conclusão de que não é natural a causa productora dos mesmos

¹ Card. Rausa, Arceb. de Florença ao seu clero: 1892.

² II Tim., iv, 3.

³ Is., xxx, 10.

⁴ Ad Nepotiam.

⁵ Ex. Aug. in Math., xix, 25.

⁶ Ex. Aug. in Math., xix, 25.

¹ I Thess., i, 5.

² Hebr., iv, 12.

³ De Doctr. christ., iv, 6, 7.

⁴ Cart. enc. de studiis Script. S. 18 de nov. de 1893.

¹ Log. cit.

em face do principio inconcusso de que «ha de haver porporção entre o effeito e a causa», queremos, no entanto, dizer algumas palavras com relação a este ponto, que chamamos philosophico.

Muitas são as theorias inventadas pelos incredulos para explicar os phenomenos a que nos vimos referindo: procuremos porém consubstancial-as n'umas poucas, onde todos esses phenomenos se achem comprehendidos. Auctores ha que, à sombra de Littré, querem explical-os pelo que chamam theoria da *allucinação*. Segundo estes, os mencionados phenomenos carecem de toda a realidade objectiva, outra coisa não sendo que puro effeito de uma enfermidade dos sentidos ou da imaginação, por onde o homem se engana, considerando realidade o que é apenas imaginario, e tendo por factos externos suas desregradas sensações. Não se inquieta Emilio Littré com a objecção de que n'uma ou outra pessoa pôde explicar-se a allucinação, mas n'um conjunto de pessoas intelligentes e sensatas, como as que testificam a realidade dos factos mesmericos, hypnoticos e spiriticos, de modo algum pôde tal explicação ter-se por accetavel. Littré, acossado pelos adversarios da sua theoria, chega ao extremo de admittir que não já um conjunto de pessoas, ou uma cidade inteira, mas uma provincia ou um reino, pôde ser tomado de allucinação, em consequencia de certas influencias de erros e opiniões, à semilhança das exhalações miasmaticas e dos ares corrompidos dos pautanos, que produzem nos corpos certas disposições para umas enfermidades que logo se tornam epidemicas. Ouvi suas palavras: *A nossa epocha, diz Littré, é uma epocha de revoluções... a fé ucirradi em seu contraste com a incredulidade e a sciencia, origina as influencias que de si hão dado esta malvada allucinação que ha transtornado o senso de meus Europa e mais de meia America. Deixo-se pois de chamar importuno ao mesmerismo: chame-se-lhe simplesmente allucinação e tudo está explicado* ¹.

De modo que, attenta a peregrina hypothese de Littré, deveriamos admittir que centenas e milhares de pessoas de todas as classes sociaes, que presenciaram os factos mesmericos e hypnoticos, são a um tempo victimas de perturbações nervosas, que engendram uma enfermidade moral, revestida d'uma especie de delirio, a que se dá o nome de *allucinação*. Conseguentemente, as mesas não saltam, os bancos não dançam, os lapis não escrevem, o ar não resôa, o vento não sopra. Tudo, ao derredor dos que operam e dos espectadores, se

encontra n'um estado perfeitamente normal, tudo na ordem co-tumada, em habitual quietação. A extravagancia e a desordem está nos sentidos e no cerebro dos que crêem vêr com os olhos o que realmente não vêem, tocar com as mãos o que realmente não tocam, ouvir o que não ouvem, sentir o que não sentem. Parecer-vos-ha impossivel que uma tal extravagancia e um assim notavel absurdo fossem invenção d'um illustre membro do Instituto de França qual era Emilio Littré? Não obstante, a tal extremo de preocupação conduz o não se querer prestar homenagem aos ensinamentos da Igreja. A simples exposição da theoria, como se acaba de vêr, é a sua melhor e mais completa refutação.

As escholas que admittindo, como se deve, a realidade dos factos, querem explical-os naturalmente, podem dividir-se em duas classes, chamada a primeira dos *objectivistas* e a segunda dos *subjectivistas*. A dos *objectivistas* comprehendem todas as theorias inventadas para explicar estes phenomenos mediale um fluido ou agente real objectivo, que vai do operador ao operado, e podem reduzir-se a duas especies principaes, a saber: a *fluidica* e a *psychologica*. Comprehende a eschola dos *subjectivistas* as theorias que attribuem os phenomenos à excitação nervosa, ou *fascinação*, como lhe chama Donato, produzida no hypnotisado por vontade ou suggestião do hypnotisador. Facilmente pôde comprehender-se a inefficacia e desproporção de todas estas theorias para explicar por causas naturaes os phenomenos mesmericos ou spiriticos, com só attender à explicação que dão seus auctores a cada uma d'estas hypotheses.

No tocante aos phenomenos mesmericos, a eschola dos *objectivistas* os explica assim: Os partidarios da theoria *fluidica* dividem-se em dois grupos, explicando tudo, os primeiros pela influencia do fluido electrico, dando à sua theoria o nome de *electrico-mineral* ¹, ao passo que os outros attribuem os phenomenos ao magnetismo animal, pelo que se pôde chamar theoria *magnetico-animal* ². Por sua parte, os defensores da eschola *psychologica* dividem-se tambem em dois grupos, attribuindo uns estes phenomenos a um estado morbido, que eleva a um alto grau de perfeição as faculdades sensitivas e intellectuaes do homem, ao passo que outros suppõem umas faculdades latentes no homem que se desenvolvem sob a influencia do hypnotisador. A primeira das mencionadas theorias, partindo da hypothese do estado morbido, assume por isso mesmo o no-

¹ Sustentam esta theoria os snrs. Camport, Alaupiedu e Charpignan.

² Os doutores Koreff, Hufeland, Jonquier, Dalou, Hervier e outros, defendem esta theoria.

me de *psycho-pathologica* ¹; a segunda, ao contrario, chama-se *psycho-physiologica*, a qual, segundo Gregory, suppõe uma *dualidade do cerebro*, ensinando que uma metade do encephalo, inactiva no estado normal, entra em exercicio durante o somno magnetico, ao passo que outros, como Görres, suppõem no cerebro do magnetisado o *reverbero das idéas e dos desejos* do magnetisador ².

Por sua vez a eschola *subjectivista*, repellindo a intervenção e influencia de todo o fluido, mineral ou magnetico animal, attribue estes factos portentosos à influencia moral que exerce o somnambuloso ou o hypnotisador sobre o paciente, fascinaudo-o com um só olhar, um sopro, uma palavra, ou um simples acto d'uma ordem secreta, e fazendo-se, por este facil processo, senhor absoluto da pessoa hypnotisada, com o consentimento d'ella ou sem elle ³.

Impôr-nos-iamos uma tarefa interminavel se quizessemos analysar e refutar cada uma das referidas theorias, para demonstrar a inefficacia das mesmas na consecução do objecto que se hão proposto seus inventores. Provas philosophicas de grande peso podem encontrar-se em eruditos e profundos trabalhos hoje publicados contra o spiritismo e hypnotismo ⁴. Por nossa parte ensaiaremos um simples argumento, que será refutação simultanea de todas ellas.

Tracta-se de encontrar a causa geradora de phenomenos multiplices por sua especie, como são os factos *mechanicos, physicos, physiologicos e psychologicos*, a que nos referimos no capitulo precedente, com uma variedade até o infinito em cada um de seus generos ou especies. Mesas giratorias e dançantes, corpos pesadissimos que se elevam e ficam suspensos do tecto, portas que se abrem por si mesmas e se fecham à chave, chuvas de pedras, golpes, ruidos, ventos, abalos, luzes, frio, calor, rigidez de membros, enfermidades, curativos, sensações sobremodo extranhas, como vêr com os pés, ouvir com os cotovellos, paralyrias, sonhos, prantos, risos, tristeza, ira, desesperação, visões atravez de corpos opacos e a largas distancias, conhecimentos scientificos, intellerção de linguas desconhecidas... tudo isto, e muito mais, produz a causa

¹ Seguem-n'a Petelin, Borsot e outros, e vem-l'a exposta por Charpignan na sua obra *Physiologia, Medicina e Metaphysica do Magnetismo*.

² Görres, em seu livro intitulado *La mística*.

³ Assim Braid, Donato, Hansen e outros. Vid. Richer: *Etudes cliniques de la grande Hysterie, ou Hystero-Epilepsie*. 2.^a ed. Paris, 1855, pag. 519-536.

⁴ Podem consultar-se entre outras obras os estudos acerca do *Spiritismo no mundo moderno*, publicados na *Civiltà Cattolica* e o *Hypnotismo outra vez em moda*, versão portugueza.

¹ *Revue des deux mondes*, de 13 de fev. de 1856. Art. — *Des tables portantes*.

que inquirimos. E taes effeitos os produz separadamente ou todos a um tempo: produz-os ora empregando processos artificiosos, com tinhas, cylindros e laminas magicas, ora processos simples, com um contacto de mãos, ora sem processo nenhum; e os produz em condições favoraveis aos phenomenos, ou adversas ou indifferentes. Produz-os com previo consentimento das pessoas que presenciavam e intervêm nos factos, ou achando-se estas em situação meramente passiva, e até contra vontade d'ellas. D'este e d'outros mil modos diversos e contrarios, opéra a causa mysteriosa que procuramos descobrir.

Supposto isto, diremos: pôde ter-se por satisfatoria a explicação dada por cada uma das escholas objectivistas e subjectivistas a que nos temos referido? Como explicarão os sequazes da theoria *electro-mineral* que uma menina ignoraute, por uma simples emissão do fluido electrico fale de repente o latim, responda convenientemente em questões scientificas e resolva com acérto difficéis problemas mathematicos? Como podem os partidarios da theoria *magnético-animal* sustentar que este fluido hypothetico, magnético ou animal, como queiram chamar-lhe, é a explicação satisfatoria dos phenomenos e das mesas dançantes e ascensorias, dos abalos, das musicas, das chuvas de pedras?

É por mui arguto que seja seu engenho, como explicarão os pensadores allemães, inventores das theorias *psycho-pathologica* e *psycho-physiologica*, os pheuomenos que se realisam contra as mesmas leis da natureza, como, por exemplo, a transposição dos sentidos, a leitura de papeis enrolados ou fechados n'uma gaveta, a visão com os olhos fechados e a uma distancia de mil leguas? Nem seriam mais felizes os apaixonados da eschola subjectivista, intentando expicar, pela simples fascinação do *medium* ou do hypnotisador, como uma mesa dá saltos; um lapis destlisa no papel sem mão que o sustente e imita a letra d'este ou d'aquelle espectador; surja nos ares em caracteres visiveis a resposta à pergunta feita por um só sonambulo; satisfaça a uma pergunta puramente mental; penetre no interior de seu corpo e adivinhe suas enfermidades e os remedios a ellas apropriados; evoque as almas dos finados e converse com ellas, obre como um automato durante o somno e execute ordens dadas mentalmente a praso fatal pelo hypnotisador. Não: isto não é philosophico, não é racional; os effeitos devem ser em proporção com a causa que os produz. Ou, por conseguinte, havemos de admittir effeitos sem causa, que vale o mesmo que dizer effeitos *que excedem a potencialidade de suas causas*, ou temos de concluir que

as hypotheses adduzidas não servem para dar uma explicação racional e philosophica dos phenomenos cuja causa se deseja descobrir.

(Continúa).

DR. D. SALVADOR CASAÑAS Y PAGÉS.

SECÇÃO CRITICA

Voltairão os frades?

Tudo contra! As riquezas dos conventos!

Ha quem affirme, que os frades eram possuidores de grandes riquezas; que, por isso, viviam lautamente e na ociosidade; que tinham rendimentos fabulosos; que muitos dos seus bens foram adquiridos por meios illicitos; que os bens agglomerados e sempre dos mesmos donos eram um grande inconveniente para a boa economia politica; em fim, que a maior parte da propriedade, quasi toda, era possuida pelos frades!!!

Ha quem (de muito boa fé) acredite em tudo isso, como o bom catholico acreditará no Evangelho. Ha, porém, muita gente, que em tal não acredita, mas espalha estas e outras *similhanças doutrinarias*, unicamente por espirito de maledicencia e com o fim de colorir a extincção das ordens religiosas.

Não será difficil rebater este argumento. É muito menos difficil seria, se não houvesse divergencia em quasi todos os escriptores, que têm tratado d'esta materia.

Assim, uns apontam um numero muito maior de conventos; outros fazem entrar n'este numero todos ou alguns dos hospícios; outros consideram estes como simples dependencias d'aquelles.

Quanto ao numero de frades, tambem as opiniões não são uniformes. E bem se sabe, que esse numero foi sempre variavel, segundo as ideias e as circumstancias das épocas.

O valor do capital productivo e os rendimentos tambem variavam e cada escriptor tem a este respeito opinião diversa.

Deixemos, pois, essa variedade de opiniões. Se nos fundassemos n'ellas, teriamos, para conseguirmos o nosso fim, de fazer um trabalho longo, enfadonho e quasi inutil. Vai servir-nos de base para este capitulo o que se vê n'uma obra de um individuo consciencioso, insuspeito e imparcial. Já aqui o citamos.

Esse escriptor, infelizmente, já não pôde continuar a fazer serviço ás letras patrias. A hora, em que escrevemos, tivemos a noticia da morte de Oliveira Martins, que é o escriptor, a que nos referimos.

No segundo volume do seu *Portugal Contemporaneo*, diz, que «na data, em que foi publicado o decreto da extincção das Ordens religiosas, havia no nosso continente: 389 conventos e 49 hospícios (438 estabelecimentos monasticos); rendimentos annuaes — 763 contos de reis; descontando 240 contos para dizimos, direitos senhoriaes, quartos, oitavos, jogadas e outros encargos, ficavam esses rendimentos reduzidos á quantia de 523 contos, a que corresponde, em propriedade, um capital de 12:000 contos. O numero de habitantes nos conventos do sexo masculino era de 6:249, sendo 5:621 frades e 628 creoulos».

Pedimos aos nossos leitores que consultem a obra indicada, que n'esta parte se funda na opinião de Soriano, escriptor insuspeitissimo, e em mappas officiaes, publicados em diversas épocas.

Agora tratemos de chegar ao nosso proposito.

Os frades eram riquissimos! Possuiam *mundos e fundos*, como vulgarmente se diz! Quasi todo o Portugal era dos frades! Os outros habitantes do paiz viviam na maior miseria. Todos andavam, ao que parece, a pedir uma esmola!

Ora o capital de doze mil contos é, na verdade, uma quantia avultada, e mais avultada pareceu então, em que era mister pagar serviços politicos.

E foi por isso, que Joaquim Antonio de Aguiar tanto se apressou em extinguir os conventos.

A este respeito, diz o mesmo Oliveira Martins: «Silva Carvalho esfregava as mãos satisfeito, vendo a sua clientella numerosa e facta; e o *rubro Aguiar* socegava; os frades não voltariam, porque os herdeiros dos seus haveres os haviam de defender com a tenacidade do egoismo. Cabia-lhe a maior parte da gratidão dos novos donos; pois fôra quem, contra Palmella, contra todos, redigira e publicára o decreto da abolição das ordens religiosas cujos bens eram a maior parte do *opiparo despojo*. Além das propriedades, casas e terras, tinha havido um diluvio de alfaias, mobílias, ouros, pratas e *caldeirões* das baterias das cozinhas pantagruelicas, e esta copia de bens moveis podéra *sumir-se, devorar-se, sem necessidade de formulas e processos liberaes-legaes*.

«Por isso mesmo a confusão era ainda

maior n'esta especie, e mais repetidos os clamores, as denuncias, as accusações. N'esse revolto mar, vinha á flux o *baixo lodo da desenfreada rapina* ».

E grande, bem desenfreada foi ella, pois só as alfaias e objectos, que (dos conventos) foram sonogados, valiam 400 contos de reis, segundo o mesmo escriptor afirma! Mas esses objectos nada rendiam, enquanto eram possuidos pelos frades. Por isso, o capital correspondente ao valor de todas as alfaias, que haviam pertencido aos mosteiros, é, para o caso presente, como se não existira.

*

Era de doze mil contos o capital productivo. Seria um capital muito grande para um tão grande numero de pessoas?

Doze mil contos têm os nossos governos gasto inutilmente em quasi todos os annos, desde que, em Portugal, não existem frades nos conventos.

Metade d'essa quantia gasta o nosso paiz com o exercito, não fallando nos reformados.

De mais de doze mil contos têm sido muitos dos empréstimos, contrahidos pelos nossos governantes.

Mais de doze mil contos gasta o paiz só em juros d'esses empréstimos.

Doze mil contos é o valor das propriedades de um ou outro districto administrativo e talvez de um ou outro concelho do continente portuguez.

Doze mil contos tem ali qualquer associação ou é o valor das acções de qualquer empresa ou de qualquer banco.

Mas basta de fallar dos capitaes.

Fallemos dos rendimentos, e ácerca d'elles apresentemos as possiveis hypothesees.

*

Suppondo, que foram supprimidos 389 conventos e que o rendimento total d'elles era (sem deducções) de 763 contos, o rendimento de cada um, segundo a média, seria de menos de dois contos de reis por anno!

Fazendo entrar na conta dos conventos os hospícios das diversas ordens, vinha a ser a média do rendimento annual de cada um d'esses estabelecimentos monasticos, menos de 1:750\$000 reis!

Deduzindo 240 contos para dizimos e outras obrigações, ficavam 523 contos, que, na primeira hypothese, dão, a cada mosteiro, apenas a média de um rendimento annual de menos de 1:350\$000 reis.

Na segunda hypothese, a média do rendimento annual de cada um d'esses estabelecimentos era de menos de 1:200\$000 reis!!

Supporemos, que em cada convento havia quinze ou quatorze frades. Cada

um d'estes não tinha mais de oitenta mil reis ou de 85\$715 reis por anno!

É menos do que tem um professor de instrucção primaria; e pouco mais era do que o lucro de alguns capellães, que, apenas, têm obrigação de dizer missa nos domingos e dias santificados. Era menos do que ganha mensalmente qualquer empregado publico, dos mais protegidos, e alguns reformados, que nunca fizeram serviço digno de notar-se.

*

Alguns philosophos dirão, que entre nós os conventos das ordens monachaes tinham uns rendimentos monstruosos, tornando-se assim cada um d'esses estabelecimentos *um estado no estado*, agglomerando-se grande numero de propriedades e de capitaes, o que era um perigo contra a segurança das instituições e uma coisa contraria á boa economia politica.

N'outro logar trataremos de mostrar os erros d'esta ultima asserção e continuaremos agora a falar dos rendimentos das ordens monachaes e ainda d'outras.

Até certo ponto isso é verdade. Não devemos occultal-a. Nós, prezando a verdade, não queremos fugir aos ataques de uma argumentação sincera.

Falaremos d'esses mosteiros pela ordem descendente das suas rendas e tomaremos tambem a média respectiva.

*

Assim, os Cruzios, que eram os mais abastados, tinham dez contos de reis de renda annual para cada um dos seus doze mosteiros; os Loyos, menos de sete, para cada um dos seus oito mosteiros; os Jeronymos não chegavam a ter cinco, para cada um dos seus nove mosteiros; os Bentos, muito menos de cinco contos; e, proporcionalmente, os Bernardos, pouco mais de quatro; os Nerys, muito menos de quatro; os Cartuxos e os Carmelitas allemães, pouco mais de tres contos; os Dominicicos não chegavam a ter tres contos de reis annuaes, com excepção dos Irlandezes, que tinham uma renda annual de 3:364\$000 reis para um só convento, que tinham n'este paiz. Os Gracianos, os Minimicos e os de Rilhafoles não tinham muito mais de 2:000\$000 de reis de renda annual.

Havia ordens, cujos mosteiros, segundo a média, não tinham um tal rendimento. Taes eram: os Capuchos reformados, os Trinos, os Mariannos (reformados), os Carmelitas e os Theatinos.

Estes pouco mais chegavam a ter do que 1:000\$000 reis por anno!

Tinham ainda menos os Grillos, cujo rendimento era, apenas, de 870\$000 reis por cada um dos seus 17 conventos, e successivamente d'ahi para baixo os Hos-

pitaleiros, os Terceiros reformados, os Franciscanos, os Barbadinhos, os da ordem da Conceição, os Paulistas reformados e, finalmente, os Nazarenos, que, apenas, tinham um hospício com um rendimento annual de 53\$000 reis!!!

Eis ahi a grande riqueza dos frades! Eis ahi como elles tinham em seu poder quasi todo o territorio de Portugal!

*

Nem as *riquezas* dos Nazarenos escaparam á rapina! Mas não admira. Quando as ordens religiosas foram extintas, nem escapou o instituto dos *Pégos Verdes*, do Algarve. Os seus haveres eram tão grandes, que nada tinham de rendimento e a casa e as alfaias dos seus usos unicamente artisticos, tudo isso foi vendido por pouco mais de 35\$000 reis!!!

E como falamos d'este instituto, diremos: ainda que o governo tivesse o direito de extinguir os conventos e de se apoderar dos bens d'estes, parece-nos, que nada tinha com os *Pégos Verdes*.

Esta associação era assim denominada, porque o local da sua habitação era bastante pautanoso e tinha uns *pégos*, que por crearem limos e outras plantas aquaticas, se chamavam *verdes*, dando assim o nome ao local e este ao convento.

Alguem chamava *Pégos verdes* aos membros d'esta associação, e isto ou por ignorancia da origem do nome, ou por que elles usavam, segundo crêmos, de unia especie de habito com um capuz de panno *verde-escuro*.

O instituto dos *Pégos Verdes* era uma simples associação artistica, mas com bases religiosas.

Tinham um capellão, que dizia missa, a que diariamente todos assistiam. Esse capellão tinha a seu cargo outros trabalhos temporaes e espirituaes, taes como: confissões, os sacramentos, doutrina, prelecções e algum ensino litterario. Ouvida a missa e havendo tomado alguma refeição, cada um dos habitadores d'aquella casa tratava de empregar-se no seu mister artistico, segundo o officio, que sabia. Uns trabalhavam no proprio edificio; outros iam ganhar o seu jornal, como qualquer trabalhador.

Os ganhos eram todos entregues ao prelado ou director d'aquella associação. Todos comiam e gastavam em commum. Eram obrigados a algumas rezas em horas, como canonicas, e as refeições eram a horas determinadas.

Quando, por motivos justificados, havia escassez de meios e por isso faltava refeição para antes de se deitarem, o prelado da casa fazia no refeitorio a oração do costume, erguia os olhos ao céu, levantava as mãos e depois de abaixar um pouco a fronte, como se dissesse: *Resignai-vos com a vontade do Senhor*, co-

bria a cabeça com o capuz. Os seus companheiros imitavam-n'o.

Em posição humilde, faziam uma pequena reza em voz submissa e retiravam-se silenciosos para as suas respectivas cellas, depois de receberem a benção do seu director espiritual.

Nenhum dos *Pégos Verdes* era obrigado a profissão perpetua. A profissão renovava-se temporariamente e era de nenhum effeito para aquelle, que pretendesse mudar de estado.

Eis aqui uma instituição sympathica, innocente, util e até exemplificadora!

O trabalho alliado com os principios religiosos e com a resignação, que o Evangelho aconselha, quando a desventura nos visita e a necessidade nos persegue!

Mas, por isso mesmo que esta associação era fundada em bases religiosas; por isso mesmo, que ella tinha por norma o trabalho hourado e um viver methodico e humilde, entenderam os amantes da liberdade illimitada, que esta já estava em perigo, porque os *Pégos Verdes* com o seu grande capital de 35000 reis podiam revolucionar o paiz e dar cabo das instituições, que *felizmente* nos regem!

Mas, já que nos alongamos tanto, deixaremos para outros capitulos o responder ás objecções, que possam fazer-nos alguns philosophos ácerca das riquezas monasticas, sua origem, seus direitos, suas applicações e suas desvantagens. (Continúa).

UM CATHOLICO.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria dos homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado do n.º antecedente)

104.º

CCXXIV

P. Francisco Xavier Manhart

NASCEU este sabio jesuita na cidade de Inspruck (Allemanha), no anno de 1696, entrando muito joven na ordem de Sancto Ignacio, da

qual foi ornamento por suas virtudes e talentos. É geralmente considerado como insigne litterato, profundo theologo e polemista catholico.

Cultivou todas as sciencias e ensinou a maior parte d'ellas em diversas academias e collegios com grande reputa-

cimento perfeito da intrincada questão do systema probabilistico, não podem deixar de consultar a obra do jesuita Francisco Xavier Manhart, tanto mais apreciavel quanto elle escreveu depois de outras e se aproveitou das suas luzes.



MARIA ANTONIETTA

ção. Falleceu em Hall, pequena villa no Tyrol, no anno de 1773.

Entre outras obras que escreveu, deixou um notavel tratado sobre o *probabilismo*. Esta questão, que foi muito agitada nas escholas catholicas do seculo passado, e que é considerada como o fundamento da theologia moral, é dignamente discutida na obra do padre Manhart. Elle a trata com a maior brevidade, solidez e clareza.

Só n'um anno se publicaram doze edições d'esta obra, tal era o conceito que a todos mereceu. O celebre editor J. P. Migne inseriu-a no seu *Curso completo de theologia*, digna de figurar na sua grande collecção sobre todos os ramos da sciencia ecclesiastica.

Todos os que não são hospedes na sciencia moral e desejam ter um conhe-

A obra é rarissima e talvez se não encontre nas livrarias do nosso reino; mas, como já dissemos, vem na collecção de Migne, que será facil encontrar.

A primeira edição sahiu em Augsburgo, em 1749; em seguida reeditou-se, muito melhorada, em outras partes.

O padre Manhart combate com muita vantagem o rigorismo theologico de alguns moralistas, mostrando a verdadeira indole da doutrina sagrada. E ao mesmo tempo defende alguns auctores da Companhia de Jesus. Escreveu tambem contra o atheismo.

Por todas estas razões, o trabalho do jesuita allemão é da maxima importancia na questão.

CCXXV

P. Bartholomeu Germon

Distinguiu-se este jesuita em materia de theologia dogmatica, contra as doutrinas jansenistas, sustentadas por Quesnel, e que foram condemnadas pela Sancta Sé. Porque o padre Germon, como os seus confrades, foi sempre um imperterrito adversario do hediondo jansenismo.

Nasceu em Orleans, em 1663, e morreu na mesma cidade, em 1718.

A obra do padre Germon tem por titulo *Tratado theologico sobre a constituição Unigenitus*. É a obra mais completa sobre o assumpto; ficou manuscripta, sendo depois publicada pelo Cardeal de Bissy, Bispo de Meaux, um dos mais ardentes campeões da verdade catholica contra o jansenismo.

O digno Prelado declara no prefacio da obra, que empregou todos os meios para verificar o manuscripto, que lhe foi apresentado.

O jesuita Germon teve tambem polemica com o sabio beneditino Mabillon sobre *Diplomatica*, e escreveu com pureza e elegancia sobre esta materia na lingua latina. Muitos litteratos tomaram

partido por elle, entre outros o Abade Bernardo Raguet, que tratou a questão profundamente. Alguns, porém, se declararam pelo beneditino.

Deveinos consignar que a questão controversa entre os dois theologos é de pouca importancia na actualidade.

Escreveu mais o padre Germon contra Serry, dominicano, sobre a historia das Congregações de *Auxiliis*, na materia da graça divina. É uma obra muito interessante, na qual esclarece a questão, fazendo vér as faltas, que commetteu o historiador dominicano.

Não ha duvida que Serry foi um theologo estimavel a muitos respeito; mas é certo que caiu em alguns erros, sendo algumas das suas obras condemnadas em Roma. A que trata das congregações de *Auxiliis*, foi revista por Quesnel e publicada sob a sua direcção.

Em consequencia d'isto é suspeita de jansenismo, ainda que Serry não adherisse claramente á seita. E assim merece toda a consideração a obra do jesuita Germon.

Não foi só elle, que escreveu contra o dominicano.

(*Continúa*).

PADRE JOÃO VIEIRA N. CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO LITTERARIA

Paixão dos interesses materiaes considerada como obstaculo ao desenvolvimento da Fé.

(Continuado do n.º antecedente.)

II

Portanto, quem não vê que da materialisação das idéas surgem innumeráveis attritos, affectando e ennuclando o luminoso astro da Fé? Sim, senhores, Deus é puro espirito; logo, ao passo que o affecto dos objectos materiaes fôr lançando raizes no dominio do pensamento, a idéa de Deus ir-se-ha gradualmente obliterando, amolecendo e deslizando.

III

A formidanda paixão dos interesses materiaes, depois de ter corrompido o espiritualismo das idéas, abate e deprime o nível das intelligencias.

Assim como no vasto campo da Creação existem duas substancias genericas, o espirito e a materia; assim nas agitações do pensamento reconhecem-se duas direcções: as sciencias espirituas,

cujo objecto se occupa de assumptos referentes á alma, e as sciencias empiricas, cuja esphera se limita aos conhecimentos derivados dos sentidos.

Estas duas correntes scientificas fazem lembrar os pratos d'uma balança, que nunca sobem e se erguem simultaneamente: no momento em que os estudos physicos adquirem uma notavel preponderancia no espirito humano, os estudos philosophicos e moraes descem e diminuem na mesma proporção.

Pois bem: o amor do ouro rompeu, fendeu e dilacerou o equilibrio das faculdades humanas, subtrahindo forças ás grandes especulações intellectuaes para fomentar e enaltecer os calculos materiaes; mas como a verdadeira luz do mundo não é a que scintilla d'uma locomotiva em marcha ou d'um forno em brasa, deduz-se facilmente que os povos desviando o olhar dos esplendidos arreboes da Fé para o fixarem unica e exclusivamente nos progressos materiaes, julgando avançar triumphantemente, retrocedem vergonhosamente.

E na verdade, o que é a tão apregoadá *philosophia moderna*? Apenas a resurreição de antigos systemas e velhas theorias, que ha muito jaziam no olvido.

Diderot, d'Alembert e Helvecio no seculo passado, e recentemente Moleschott, Buchner e Haeckel expõem e defendem idéas, que já haviam sido expostas e defendidas na antiguidade por Thales, Democrito, Epicuro e muitos outros; Pedro Leroux imita os Indos, os Persas e os Gnosticos; Victor Cousin e Saint-Simon seguem os Estoicos, Scoto Erigena e Baruch Spinoza; e, finalmente, Fichte, Schelling e Hegel de novo apresentam as utopias da Escola d'Eléa e dos Neo-Platonicos.

Se, abandonando o campo transcendente da philosophia, penetrarmos no dominio das letras e das artes, reconheceremos a mesma depressão, o mesmo servilismo.

Na actualidade que genio portentoso e privilegiado poderá defrontar-se com Milton, Dante, Petrarca e Luiz de Camões, ou com Miguel Angelo, Raphael d'Urbino, Pedro Rubens e Murillo? Afoutamente podemos dizer: nenhum. Portanto é innegavel que o desordenado affecto dos interesses materiaes avilta e amesquinha as intelligencias. E como o depauperamento das intelligencias deve necessariamente acarretar sobre a Fé caliginosas neblinas — quantos inconvenientes e difficuldades não brotarão d'ahi para a doçura e suavidade do sentimento religioso?!

IV

A desordenada paixão dos interesses materiaes, havia eu dito, além de mate-

rialisar as idéas e obcecar as intelligencias, damnifica, perverte e corrompe a moral.

O orgulho infiltra-se no coração do homem, fazendo-lhe conceber os mais irrisorios pensamentos e os mais insensatos planos: contesta e deprime os milagres do Omnipotente, mas apoia e glorifica os da agiotagem; e não só se contenta e se reduz a negar a Deus, mas da personalidade humana constitue uma pequena divindade, fazendo derivar d'ahi todos os delirios e chiméras.

E visto que o homem se declarou deus, é preciso alojar condignamente esse novo Jupiter: Nero, tendo decretado a si proprio honras divinas, estendeu o seu palacio do Palatino ao Célio, do Célio ao Esquilino, e se a morte não viesse prostrar aquelle flagello da humanidade, não viria longe o dia em que o extensissimo imperio romano seria insufficiente para conter a pseudo-divindade de tão hediondo monstro; assim tambem todos aquelles que hodiernamente se embriagam com as emanções exhaladas do seu fátuo orgulho, procuram converter e transformar o universo n'um extenso paraíso adornado com as mais finas tapeçarias e vivificado com os mais surprehendentes gozos.

J. A. MARQUES JUNIOR.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Recebemos e agradecemos penhorados o Relatorio do Apostolado da Oração, pertencente ao anno de 1892 a 1893, que é dedicado ao exc.^{mo} e rev.^{mo} snr. D. Antonio Sebastião Valente, Arcebispo de Gôa.

Pela rapida leitura, que fizemos, vimos com gosto o desenvolvimento admiravel que tem tido e o bem que está fazendo em Portugal a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, por meio do Apostolado da Oração. Ninguem se deve furtar a lê-lo; colherá por isso noticias circumstanciadas d'esse desenvolvimento e terá motivos para se afervorar mais e mais no amor de Jesus, devoção ultimamente tão recommendada pelo proprio Vigario de Jesus Christo, o SS. Padre Leão XIII.

*

Anno Christão. — Recebemos o 10.º fasciculo d'esta magnífica obra, que o snr. Antonio Dourado está distribuido. É, como todos sabem, uma obra excelente e indispensavel na bibliotheca d'um catholico. É um bom serviço que presta o snr. Dourado com esta nova distribuição do Anno Christão nas mesmas condições da primeira.

Mais uma vez recommendamos a aquisição de tam bom livro.

*

Agradecemos os exemplares, que nos foram offerecidos.

SECÇÃO ILUSTRADA

Luiz XVI

(Vid. pag. 205)

Em 1754 nasceu em França o neto e successor de Luiz xv, que primeiramente foi reconhecido pelo nome de duque de Berry e em 1774 pelo nome de Luiz xvi. Os principios do seu reinado foram assignalados por actos, que mereceram a approvação geral. Bem depressa, porém, se viu a braços com poderosissimos inimigos, que eram: a crise financeira, produzida pela má administração do reinado anterior, e o philosophismo do seculo xviii, que ia minando os alicerces sobre os quaes assentavam os principios da ordem e da auctoridade.

O rei, para remediar estes males, convocou duas assembléas notaveis, mas ellas separaram-se sem concluirem coisa alguma, e Luiz xvi viu-se obrigado a appellar para os Estados Geraes. Estes estados foram abertos em Versailles e as discussões, que desde o principio se suscitaram entre as tres ordens, fizeram nascer geral fermentação. Passados poucos dias, o rei, assustado por muitas demonstrações populares, fez aproximar tropas a Versailles e a Pariz; e ao mesmo tempo demittiu o ministro Necker, que gozava do favor publico; o povo de Pariz correu logo ás armas e apoderou-se da Bastilha; depois dirigiu-se em massa para Versailles e obrigou o rei e a sua familia a virem residir em Pariz.

Desde este momento, Luiz xvi deixou de ser livre; viu-se obrigado a sancionar uma infinidade de decretos da assembléa nacional, os quaes offendiam os seus sentimentos mais queridos. Finalmente, não se julgando em segurança, e animado pelas promessas das potencias estrangeiras, resolveu fugir e dirigiu-se para Montmedy, onde um servo dedicado, o sr. de Bouillet, tinha reunido tropas de confiança, mas reconhecido pelo director da posta de Drouet, foi preso em Varennes e reconduzido a Pariz; desde este momento foi guardado à vista e só reinou em nome. A 14 de setembro de 1791 Luiz xvi aceitou a Constituição que acabava de ser redigida pela assembléa e que só lhe deixava o direito de oppôr o veto aos decretos dos corpos legislativos. As decla-

rações de guerra das potencias estrangeiras, que, solicitadas pelos principes emigrados, acabavam de entrar em França, ainda aggravaram mais a posição do rei. Depois de insultado no seu proprio palacio nos dias 20 de junho e 10 de agosto de 1792, viu-se reduzido a procurar refugio no meio da assembléa legislativa, que tinha substituído a assembléa nacional; mas esta assembléa não só o não protegeu, mas suspendeu-o das suas funcções, e foi-o encerrar no templo e julgar pela Convenção.

A Convenção, reunida a 21 de setembro de 1792, começou por decretar a abolição da realza, e depois deu-se a julgar Luiz xvi. Depois de um simulacro de processo, o desgraçado rei, declarado culpado de conspiração e de alta traição, foi condemnado à pena de morte por uma maioria de 11 votos. Tendo sido rejeitado todo o recurso, a cruel sentença foi executada a 21 de janeiro de 1793 na praça da Revolução; o infeliz rei soffreu a pena ultima com uma resignação, que lhe valeu o epitheto de rei *martyr*. Poucos dias antes tinha redigido um testamento notavel por uma torante simplicidade e pela sua generosidade para com os seus algozes.

Maria Antonietta

(Vid. pag. 211)

Filha da imperatriz Maria Thereza, de Austria, nasceu em 1755, e casou em 1770 com Luiz xvi, então duque de Berry.

As festas d'este casamento foram perturbadas por graves accidentes. Apenas exaltada ao throno em 1774, esta princeza, cujos defeitos eram certa levandade e orgulho, foi victima de toda a especie de calumnias, tornando-se depois altamente suspeita ao partido republicano por causa das suas relações com os inimigos das novas instituições.

Maria Antonietta partilhou do infortunio de seu marido, sendo como elle insultada e ameaçada a 5 e 6 d'outubro, encerrada no templo e na Conciergerie e finalmente decapitada a 16 d'outubro de 1793.

RETROSPECTO

O dia 8 de setembro em Guimarães

Se não fôra o dever que me é imposto pela minha posição, como redactor do *Progresso Catholico*, deixaria em branco as columnas destinadas ao *Retrospecto*. Nada diria da imponente e assombrosa peregrinação a Nossa Se-

nhora de Lourdes, na Penha, porque manifestações d'estas võem-se, sentem-se, mas não se descrevem!... Sou suscitissimo falando d'este assumpto, porque, se em nada contribui para o esplendor da manifestação catholica do dia 8, tive ao menos muita e muita vontade de que ella fosse digna do facto que commemorou, da Virgem, a quem se dirigia e d'este povo que se torna um gigante quando se apresenta a dizer ao mundo inteiro que é crente, que é generoso, que é bom!... E a minha vontade foi plenamente satisfeita!

Ah! como me senti feliz n'aquelle dia, porventura o mais jubiloso da minha vida! Ora era o presbytero da sancta religião de Jesus Christo que se sentia consolado pela grande concurrencia de fleis a ajoelharem-se no tribunal da penitencia, onde ha perdão para todas as culpas e balsamos para todas as dores, ou a aproximarem-se da mesa eucharistica, a fim de receberem em suas almas Jesus Christo Sacramentado; ora era o catholico que via jubiloso milhares de crentes a apresentarem-se publicamente e solemnemente a manifestar a sua fé e o seu amor ao SS. Coração de Jesus e a Maria Santissima; ora era ainda o vimaranense que via a sua terra que quasi nasceu e se agigantou em volta do templo consagrado a Maria Santissima, em pleno seculo xix, em que ha mais respeitos humanos do que descrença, a desprezar esse vil sentimento, que nos degrada, e subir a encosta da sua formosissima montanha, dizendo aos poetas de importação, que se reformem, que rasguem as suas producções impias, que quebrem a penna com que as escreveram, porque a impiedade é planta exotica n'esta abençoada terra de Guimarães!...

*

Padre, catholico e vimaranense, sou su-peito dizendo que a peregrinação a Nossa Senhora de Lourdes foi assombrosa, mas tomo por testemunhas as dezenas de milhares de pessoas que assistiram e tomaram parte n'essa imponentissima manifestação catholica.

*

Relatemos: Nos dias 5, 6 e 7 era já grande a concurrencia de fleis d'esta cidade e freguezias limitrophes, que se apresentaram em varios templos d'esta cidade, especialmente no da V. O. T. de S. Domingos, para se confessarem. No dia 7 a concurrencia era numerosissima; apesar de serem em avultado numero os rev.^{das} confessores, muitos fleis não puderam confessar-se.

N'este dia estava a cidade de gala, vendo-se quasi todos os edificios emban-

deirados. Pelas 4 horas da tarde foram todos os membros da commissão executiva em doze trens esperar o digno representante do snr. Arcebispo Primaz, snr. dr. João Nepomuceno Pimenta. Quando s. exc.^a chegou ás Tappas, foi executado o hymno da peregrinação por uma banda de musica, subiram ao ar numerosos foguetes e foram levantados entusiasticos vivas ao exc.^{mo} e rev.^{mo} snr. Arcebispo Primaz e ao digno representante de s. exc.^a rev.^{ma} Em Guimarães era esperado s. exc.^a por muito povo e por uma banda de musica, que se dirigia á frente do trem que conduzia o representante do illustre prelado bracarense até ao Seminario de Nossa Senhora da Oliveira; ahi foram levantados calorosos vivas a S. Santidade Leão XIII, ao snr. Arcebispo Primaz e ao digno representante de s. exc.^a rev.^{ma}

Á noite, todos os vimaranezes illuminaram as suas casas.

Ao longe via-se a Penha coberta de luzes e o collegio de S. Damaso e casa d'Alvim admiravelmente illuminados. No jardim publico tocava a banda de infantaria 20, enquanto a philarmónica União percorria as ruas da cidade, executando o magnifico hymno da peregrinação. E enquanto pela cidade havia uma alegria sancta, na basilica de S. Pedro estavam algumas centenas de homens para se confessar, e na casa dos rev.^{dos} padres da Companhia não se podia entrar, porque havia homens até á rua, esperando que podessem ser ouvidos de confissão.

O exc.^{mo} representante do snr. Arcebispo Primaz dignou-se ir, acompanhado de seu extremoso irmão, o snr. dr. Manoel Pimenta, para S. Pedro, a fim de ouvir de confissão os bons artistas vimaranezes.

Ás 4 horas da manhã do dia 8 dirigiam-se os fleis para ouvir missa e commungar aos templos de S. Pedro, S. Domingos, S. Payo, S. Francisco e de Nossa Senhora da Consolação e Sanctos Passos.

Estes estavam todos repletos de povo, e receberam Nosso Senhor Sacramentado mais de 3:000 pessoas. Só na basilica de S. Pedro commungaram 1:000 pessoas!...

Note-se que esta extraordinaria concurrencia não era só de mulheres: vimos lá bachareis, negociantes, capitalistas, proprietarios, artistas em grande numero. Foi esta com certeza a cerimonia mais commovente d'aquelle saudoso dia e que mais do agrado foi do Sagrado Coração de Jesus e do Santissimo Coração de Maria.

Meia hora depois das missas, quando a formosa Penha era aureolada pelos primeiros arreboes d'uma aurora precursora do mais bello dia d'este anno, em que não se via nem uma só nuvem no espaço, em que parecia que todos os encantos da natureza se queriam juntar aos jubilos da nossa crença, quatro bandas de musica percorriam as ruas da cidade, executando o hymno da peregrinação, e para o largo do Toural, onde se ergue a basilica de S. Pedro, corria uma multidão extraordinaria de fleis. Em poucos minutos regorgilava de povo todo o largo do Toural e rua da Rainha.

Depois da chegada do dignissimo administrador do concelho, exc.^{mo} snr. dr. Domingos de Castro Meirelles, e do representante de s. exc.^a rev.^{ma}, quando já estavam todos os grupos que deviam tomar parte no religioso cortejo, começou este a desfilir pela ordem seguinte: Congregação de Maria Immaculada, cuja bandeira era conduzida pelo exc.^{mo} snr. Manoel Maria Fructuoso, distincto escriptor e fervoroso catholico; grupo infantil com a sua bandeira; banda de musica; seguia-se o magnifico estandarte dos artistas de cortumes, que se apresentaram em grande numero; em seguida os grupos industriaes de alfaiates, ferreiros, artistico-musical, oleiros e sapateiros. Cada um d'estes grupos levava riquissimas bandeiras; banda de musica; bandeira, direcção e alguns socios da Associação Artistica Vimaraneze; grupo commercial, cuja bandeira era conduzida pelo snr. Manoel José Vieira, um dos mais considerados empregados do commercio d'esta cidade. As borlas d'esta bandeira, que foi benzida á porta da basilica de S. Pedro pelo representante do snr. Arcebispo Primaz, pegavam quatro membros da commissão commercial; seguia-se uma banda de musica e o grupo academico, a cuja frente iam alguns alumnos do acreditado collegio de S. Damaso com a sua rica bandeira de S. Luiz Gonzaga. Até aqui as aggregações leigas, á excepção da congregação de Maria Immaculada, e — é de justiça que se diga e bem que se saiba — todos se portaram como bons catholicos! Ah! como era consolador, edificante, vêr aquelles artistas, velhos e moços, aquelles jovens empregados do commercio, aquella mocidade estudiosa, todos, todos a manifestar a sua fé e o seu amor ao Divino Coração de Jesus e a Maria Santissima, ora rezando o terço ou a ladainha, ora entoando o *Ave* n'um entusiasmo sancto, n'um fervor que commovia!... Ah! que bella orientação a vossa! Como sois grandes, sym-

pathicos, dignos do respeito de todos os homens de bem, vós, que protestaes contra os risos alvares da ignorancia, contra as blasphemias horriveis da impiedade, contra a negligencia deprimente dos indifferentes, contra os que se escondem, porque o respeito humano não consente que patenteiem a sua crença! Bravo! Bravo!

Seguiam-se os centros do Apostolado com as respectivas bandeiras, a cuja frente iam os dignissimos directores locaes, á excepção do de S. João da Ponte, onde além do digno director vinha tambem o exc.^{mo} snr. padre João Cândido da Silva, dignissimo abbade de Villa Nova de Sande. Os centros do Apostolado eram os do convento da Cruz, Ronfe, S. João da Ponte, S. João de Vizella, S. Payo de Vizella, Moreira de Conegos, S. Martinho de Candoso, S. Martinho de Sande, Villa Cova, Sancta Eulalia de Barrosas, Sancto Thyrso e Fafe. O povo das aldeias, que acompanhava cada um d'estes centros, ia entoando bellissimos canticos em honra da Virgem e do Sagrado Coração de Jesus. Aos centros do Apostolado seguiam-se as alumnas do collegio de Nossa Senhora da Oliveira com a sua bandeira; a cruz de S. Pedro e grupo clerical, presidido pelo dignissimo snr. Arcipreste de Guimarães, e a bandeira do Apostolado d'esta cidade, que era conduzida pelo exc.^{mo} snr. José Ferreira d'Abren, dignissimo vereador da camara municipal, pegando ás borlas os exc.^{mos} snrs. dr. Manoel de Jesus Pimenta, dignissimo vice-reitor do Seminario de Guimarães, padre João Gomes d'Oliveira Guimarães, ornamento do clero parochial da archidiocese bracarense, commendadores Luiz José Fernandes e Manoel José Teixeira. Seguia-se o exc.^{mo} representante do snr. Arcebispo Primaz, snr. dr. João Nepomuceno Pimenta, administrador do concelho, exc.^{mo} snr. dr. Domingos de Castro Meirelles, e os snrs. José Maria Leite e Francisco Joaquim da Costa Magalhães, representando a commissão executiva. Fechavam o cortejo religioso a congregação das filhas de Maria e zeladoras do Apostolado de Guimarães, e grande numero de fleis, que cantavam o magnifico hymno da peregrinação, acompanhados d'uma banda de musica. Ao passar o religioso cortejo pela rua da Rainha, largo de Nossa Senhora da Oliveira, rua de Sancta Maria e largo do Carmo, das janellas de todas as casas, onde estavam muitas damas, eram lançadas flôres sobre os diversos grupos, especialmente sobre o representante de s. exc.^a rev.^{ma} e administrador do concelho. Vimos muitas lagrimas de commoção e muitos sorrisos

de jubilo nos que contemplavam o fervor e a piedade dos peregrinos.

Chegou a peregrinação á Gruta de Nossa Senhora do Lourdes, na Penha, ás 10 horas da manhã. O digno representante do sr. Arcebispo Primaz recebeu as seguintes offertas para Nossa Senhora, que foram logo collocadas: dos empregados do commercio, uma magnífica banqueta e uma bella bandeira de sêda branca de 2 metros de comprimento e 1^m,70 de largura, que tem ao centro estampado em ouro e azul o monogramma da — *Avé Maria* — e as palavras — *Gratia Plena* — com a dedicatória — *Os empregados do Commercio*; das modistas e costureiras, um diadema de prata com as palavras — *Eu sou a Immaculada Conceição*; dos alfaiates, um missal, estante e sacras; das operarias da fabrica do sr. Bento dos Santos Costa, quatro ramos de flôres artificiaes; dos cutileiros, quatro vasos de talha dourados, para a banqueta; de D. Josefa de Mattos Chaves, um diadema de metal com as palavras — *Eu sou a Immaculada Conceição* — e uma grinalda de flôres artificiaes para ser collocada aos pés da Virgem; do padre Abilio Augusto de Passos, quatro ramos de flôres artificiaes; de D. Maria Lucas, uma toalha para o altar; d'um grupo de creanças, um par de galhetas e garrafas de crystal; dos oleiros, dois grandes vasos de barro para a Gruta.

Depois seguiu-se a missa rezada pelo sr. dr. João Nepomuceno Pimenta e sermão pelo rev.^m sr. padre Bento José Rodrigues, S. J., dignissimo director central do Apostolado da Oração em Portugal.

Dizer que prégou o padre Bento Rodrigues é dizer tudo, mas ali houve além do saber e do zêlo, que fazem d'elle um orador de primeira ordem, o entusiasmo ao vêr aquella imponencia, aquella piedade, aquella devoção de todo um povo, que o illustre orador arrebatou com o seu verbo inspirado. Terminou o rev.^m sr. padre Bento Rodrigues o seu sermão por levantar entusiasticos vivas á Immaculada Conceição, ao Papa-Rei, a Portugal sempre christão e ao povo vimaranense. Em seguida, convidou o representante do sr. Arcebispo Primaz a subir ao pulpito para dar a benção papal aos 40:000 fleis, que aqui e além ajoelhavam para receber a benção.

Imponente, commovedor, aquelle espectáculo de fé catholica!!

Dissemos 40:000 pessoas e fundamos em auctorisadissimas opiniões. O

Seculo (que é insuspeito) calcula 50:000 pessoas.

As 3 e meia horas da tarde sahiu a procissão do Santissimo Sacramento, que era conduzido pelo representante de s. exc.^a rev.^m, acolytado pelos rev.^{mos} snrs. dr. Manoel de Jesus Pimenta e abbade de Tagilde. As varas do pallio iam presbyteros, ás lanternas considerados negociantes d'esta cidade. A procissão era formada pelo clero, irmandade de Nossa Senhora da Penha, e muitos dos grupos, que tomaram parte na peregrinação. Exposto o Santissimo no altar da Gruta, houve *Te-Deum*, a grande orchestra, e benção com o Santissimo Sacramento. Em seguida recolheu a procissão á Gruta-Ermida, e assim terminou a mais imponente manifestação catholica que se ha feito n'esta cidade.

Perdoem os leitores esta descripção tão minuciosa; mas tenho a certeza de não os enfiar, porque os leitores do *Progresso Catholico* devem ficar satisfeitos ao lêr a noticia d'esta festa, que foi uma coroação condigna da commemoração do 50.^o anniversario do Apostolado em Portugal.

Agora segue-se um agradecimento publico áquelles que contribuíram para o esplendor da peregrinação a Nossa Senhora de Lourdes. Occupa o primeiro logar o exc.^{mo} e rev.^m sr. D. Antonio José de Freitas Honorato. S. exc.^a rev.^m, como prelado e pae amantissimo, attendeu a todas as nossas petições, dando assim aos vimaranenses mais uma prova do seu amor. Não veio pessoalmente, porque não o permittia o seu estado de saude, mas enviou um representante, que não se poupou a sacrificios para ser agradável ao povo de Guimarães, que foi, finalmente, o alvo de manifestações de sympathia, não só pela alta missão que vinha cumprir, mas tambem pelas suas virtudes pessoaes, que o tornam digno do amor e do respeito de todos quantos o conhecem. Não podemos tambem deixar de agradecer e louvar o digno administrador do concelho, sr. dr. Domingos Meirelles, e o digno camarista, sr. José Ferreira d'Abreu. S. exc.^a, desprezando os respeitos humanos, apresentaram-se na grande peregrinação e lá foram com o povo, entoando louvores á Virgem.

São igualmente dignos do nosso reconhecimento os exc.^{mos} snrs. arcipreste de Guimarães, vice-reitor do Seminario de N. S. d'Oliveira, padre Bento Rodrigues, abbade de Tagilde, padre Francisco Lima, commendadores Luiz Fernandes e

Manoel José Teixeira, Francisco J. C. Magalhães, José Maria Leite e muitos outros, que não se pouparam a trabalhos para a realisação da grande peregrinação á Penha.

A Virgem Santissima não deixará de velar por todos os que lhe rendem estas homenagens e os filhos de Guimarães e catholicos portuguezes não deixarão de louvar os que trabalham para maior gloria de Deus e salvação das almas.

Tivemos a honra da visita do nosso prezado assignante, sr. dr. Manoel Martins, dignissimo arcipreste de Abrantes. S. exc.^a vae honrar as columnas do *Progresso Catholico* com a sua preciosa collaboração.

Tambem tivemos occasião de abraçar o nosso prezado amigo, rev.^{do} Francisco Costa, digno prefeito do seminario conciliar de Braga.

R.

A festa do Sagrado Coração de Jesus em S. Vicente da Beira

É uma festa muito sympathica, e aquella que n'esta villa se costuma fazer com mais esmero. Foi este anno, como é costume, precedida por um triduo preparatorio, feito pelos rev.^{mos} snrs. padre Santos e padre Domingos Alfredo da Cunha, da Companhia de Jesus, os quaes, com o zêlo de obreiros de Jesus Christo, se esforçaram para bem dispôr as almas, tanto no pulpito como no confissionario. Tambem as creancinhas lhes mereceram especial cuidado preparando-as para a Sagrada Communhão com o ensino da doutrina christã, ensino que semanalmente lhes é ministrado pelo rev.^{do} parochio, e alguns canticos adequados a um acto tam encantador como respeitavel.

No dia 26 de agosto passado teve logar a nossa festinha, durante a qual se alimentaram com o Pão dos Anjos perto de setecentas pessoas. Pelas dez horas da manhã saiu da capella de S. Francisco d'esta villa uma procissão de meninos com um andorzinho de Santo Antonio, e uma bandeira de S. Luiz Gonzaga, em direcção á igreja matriz, entoando com vozes innocentes o hymno do SS. Coração de Jesus. Em seguida teve logar uma outra procissão de meninas vestidas de branco e anjos, que da casa e oratorio da exc.^a sr.^a D. Maria da Luz da Cunha se dirigiam á igreja conduzindo um andor do Menino Jesus, e entoando com vozes angelicas louvores ao Todo-Poderoso, os quaes em harmonia suave se repercutiam por toda a villa.

*

Às onze horas começou a missa cantada a grande instrumental, sendo celebrante o rev.^{do} vigário da freguezia, Antonio Pires Antunes, acolytado de diacono pelo rev.^{do} Antonio Pereira de Carvalho, e de subdiacono pelo rev.^{do} Antonio Martins do Rosario, correndo tudo com a ordem e decencia que o acto exigia.

Ao *Domine non sum dignus* teve logar a communhão das creancinhas, cerimonia tam commovedora como sympathica. Para melhor disposição d'aquellas almas candidas, como as vestes de que estavam adornadas, subiu ao pulpito o rev.^{mo} snr. padre Santos, que com uma linguagem simples e clara lhes mostrou a preciosidade contida no Manjar que estavam prestes a receber, e principalmente áquelles que pela primeira vez tinham a dita de se aproximar da sagrada Mesa. Seguiu-se a reconciliação dos meninos e meninas com seus paes e mães, á vista do que, difficilmente se continham as lagrimas, havendo em tudo isto um não sei qué de encantador.

*

De tarde a procissão correu com a melhor ordem possível, desempenhando n'ella o principal papel as creancinhas, com os andores a que já me referi, os quaes occupavam o primeiro logar á frente da procissão.

Atraz d'essas seguiam os zeladores em duas alas com suas opas brancas, quatro dos quaes transportavam o andor do Sagrado Coração de Jesus. A irmandade do SS. Sacramento tambem contribuiu bastante para o adorno da procissão, tendo o seu logar junto dos zeladores, e atraz de toda a irmandade o pallio com o nosso Pae. Depois da procissão, subiu ao pulpito o rev.^{do} Domingos Al-

fredo da Cunha, expondo em linguagem muito explicita o amor de Jesus para com os homens, deixando-nos esta festa verdadeiras impressões de sympathia e saudade.

O esplendor da nossa festa é devido em mui grande parte á exc.^{ma} presidente da associação, snr.^a D. Maria da Luz da Cunha Pygnately, senhora por todos os motivos recommendavel, e principalmente pela sua piedade e caridade para com os pobres.

Que os Vicentinos continuem com o seu zelo e boa vontade a augmentar o culto ao Sagrado Coração de Jesus, incitados pela exc.^{ma} presidente e pelo rev.^{mo} presidente, é o que devéras desejo.

S. Vicente da Beira, 7 de setembro de 1894.

UM ASSIGNANTE.

ANNUNCIOS

VIDA DO VENERAVEL

P.^e FRANCISCO MARIA LIBERMANN

FUNDADOR

DA

Congregação do Espirito Sancto
e do Immaculado Coração de Maria

Preço. 500 reis

À venda na administração do Progresso Catholico.

PERFIDIA DO DEMAGÓGO

Scenas tragicas da revolução franceza

VERSÃO

DE

MATTOS FERREIRA

Preço. 300 reis

HISTORIA DA APPARIÇÃO

DE

Nossa Senhora de Salete

COM VIA-SACRA E NOVENA

Preço. 60 reis

O PRISIONEIRO

OU

RAUL DE MONTE SAINT-JEAN

EPISODIOS DAS CRUZADAS

Preços:

Brochado..... 160 reis
Encadernado em porcalina..... 300 »

AS BEMAVENTURANÇAS

OU A

SCIENCIA DA FELICIDADE

POR

MADAME BOURDON

Preço..... 200 reis

À venda na administração do Progresso Catholico.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis — Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União geral dos correios, 1\$000 reis — Estados da India, China e America, 1\$280 reis (moeda portugueza)
Numero avulso 100 reis. — Edição de papel de luxo, mais 200 reis

As assignaturas são pagas adiantadamente, por um anno

REDACTOR

Padre Gaspar da Costa Roriz, Commissario da Ordem Terceira de S. Francisco

ADMINISTRADOR

Simão Neves

Redacção e administração — Rua Nova de Santo Antonio n.º 55 a 59 — GUIMARÃES